

QUANTOS...

... Sonhos, beijos, poemas, anjos e folhas caíram no verão?
As balas contra o vento das batalhas, nos lugares longe.
Lá longe, inda mais longe, onde o coração,
bate com medo a cada novo amor.

A paixão acumulada no peito,
sai fazendo o céu explodir de forma vaginosa,
gases e fogos de artifícios parecendo noite de São João.

No mundo só existe alguns santuários,
permitidos pelos senhores da inquisição.

Onde ficam confinadas as mulheres,
voadoras com suas asas cortadas ,
proibidas de verem o outro lado da muralha.

Para quem tem medo deste tipo de batalha,
o aconselhável é não sonhar.

Purai segue o vingador dos beijos perdidos,
pelos bares madrugada afora abrindo os tabuleiros,
pra vê o Xibiu das meninas, se abrindo como fulô.
Bem cedinho nos primeiros raios da manhã,
atrás da moita de Aveloz.

- A primeira mijada aquela bunitinha e cheirosa,
que sai fumaçando no frio, deixando um buraco na terra.
Este cheiro de terra e mijo é só para os animais,
sorrateiros com faro especial, os passos desses animais,
são tão suaves que não machucam nem as folhas do Sapoti.
“Como é bonito o amanhecer na minha terra”

DIGO

O rosto segue na batalha contra o vento
é perigoso ter gente contando histórias
aos meninos e meninas, que ainda brincam de ciranda.
Sobre os mistérios do fundo do poço incantado.
a resistência das flores de aragonito é silenciosa,
só os olhos mais preparados conseguem vê sua beleza.
Nos passeios pela cidade vi a bela dama,
o que se vê agora é fruto da luta dos navegantes
de tanto amar de peito aberto. Navego, é tempo fechado,
o sal e o sol engrossam, o coro da cara de frente pras ondas.
E por coisas tão finas ficamos separados;
nas ruas, os rostos, pingam, choram, batem no vento,
dos que caem, nem saudade.

Aos combatentes, não cabe piedade, passamos a passos largos,
e queixos erguidos, com o olhar plantado no futuro,
Rezando por um fim de semana de sol a pino,
reluzindo nas testas.

- Lhes dirão poeta, olha! -

São sete cangaceiros,
cada qual com:
sete espelhos na testa
sete vontades latejando

sete cavalos no galope
sete estrelas reluzindo
são sete chapéus de ponta
o céu é azul, só de resistência,
aos fumante escapamentos e chaminés
a vontade é azul
o amor é azul
o convite é azul
o rosto é azul.
O estômago ronca só de resistência
a função do grito é empurrar a dor do mal
de amor, de amor, só de resistência.
Mal de amor, de amor, de amor, a poesia é azul.
Os demônios e seus olhares incarnados,
rubi, do que mais incarnado pode haver.
Mal de amor, é dor na alma, nas ruas da cidade,
a saudade enche os peitos vazios, quando os olhares
segue na direção do voo dos pássaros.
O vento do rumo sul prenuncia frio,
as Arribaças e as Andorinhas planam em voos de migração.
A gente quando pode n'asas do avião
dona prazer, seu patricio, gente boa e braba
c'a sua peixeira travessada nos quartos,
pur qualquer coisa, corta o vento de dia ou de noite.
O pueta não é de briga, nem de fritar bolinhos.
Mas ! nem por isso foge e na astucia,
como bicho bom de faro fica nos calos.
Não é por mim e por ti que qualquer lugar resiste.
S'alegre doce amor, partiremos quando o Bacurau cantá,
na ora que o Sol acorda, com seu olho vermelho,
como se fosse o último bêbado voltando da farra .
Fibra com fibra Cangacero, no marco d'mei-dia,
canta Cancão do Papo-de-fogo, quem vai corre o risco
se torna tão diferente como a paisagem.
O galo, canta bunito no terreiro pra buscar o dia.
Os soldados defendem a pátria , sem pontos de partidas,
atiram balas que não são de chocolate nos seus patrícios,
em defesa das decisões emanadas do teatro de bonecos.
Os soldados de prontidão executam as ordens que receberam;
do Cabo, que não via nada , além do dever cumprido
do Sargento, que não tinha amor pelo mais próximo
do Capitão, que escondia as lembranças, dos que fez tombar
do Tenente, que não respeita as falas, nem os olhares diferentes
do Coronel, que não suporta as pessoas andando aos domingos
do Major, que esqueceu como é andar e sonhar sem tormentos
do General, que ordenou o cumprimento das leis do bem viver
do Marechal, por ele tudo fica como manda o grande "irmão"
de Uoxinton, o menestrel brinca com suas marionetes.
O Grã coral, canta o coro dos contentes, olhando estatelado

para o horizonte, sem saber que ali, está o bem mirá da liberdade.
Ó grande amor, vi refletido na retina, do teu olho esquerdo,
a passagem daquele Curisco, que riscou o céu de madrugada .
- Os poetas por todos, os heróis por alguns.-
Mas não se engane doce amor, sempre avante coração,
o que sai dos olhos são pontas de Baionetas,
há movimento dentro da noite fechada,
as muralhas não estão distantes,
os Bacuraus, na noite tem olhos de vigia,
por isso estamos sempre, alerta ao que acontece
no meio do tabuleiro...
Há, grande amor, em alguns lugares da América Latina,
é noite de sereno pesado, é nessa ora que vejo temor
no brilho dos teus olhos.
“Bananas para os Macacos que mataram Lampião”
Aqui a vida é extirpada, como se não valesse nada
Realmente nada... seguro na tua mão,
me guio pelo som da tua voz.
É noite fechada, o tempo ainda é escuro nas entranhas
da América Latina.
A poesia reluta no tempo, dentro do turbilhão
permanecemos aquecidos, ergue-se o verso noutra dimensão.
Dentro do poema, o tempo reluta , permanecemos esquecidos,
ergue-se o inverso noutra divisão, os soldados passeiam pela ruas.
Pálidos, apáticos... Na solidão desesperada dos iguais.
Prendem o home que veio de longe
E longe deixou...
Maria
Rosimiro
Aldagisa
Dilma e Ilma.
Derrepente tava preso
Ainda assim, canta seu requiem
“Seu dure
Seu disordeiro
Meu mestre
Meu companheiro
Tô preso
Tô amarrado
Na oras de Deus amém
O mestre que me prendeu
É de me soltar também”
A vontade istala no peito, quem pula sabe o tamanho do saculejo
O poema num é manero, viver na cidade as vezes,
se parece muito com lamboradas de Chibata- reio- cru.
Açoite nos pinhaços de quem navega.
Entre tantos e tortos, e apesar de tudo hipotecamos solidariedade,
aos mortos das guerras insanas do outro lado do mundo,
onde a pele é tirada com dioxina, e os aviões não despejam ovos.

Só isso e nada mais, poraqui sentimos, muito.
Quando as mãos ficam frias, e os olhos perdem o brilho
e pela terra, pela vida vão-se tantos
Raimundo, Alberto, Jeremias
Enfim tantos camaradas e camaradas, são ceifados,
em teu “berço esplendido ó pátria mãe gentil”,
todos tão próximos, e tão longe.
Os estrondos acima dos mais altos céus
Vez enquanto meu amor, grito pôr ti ,
no meio dessas ruas lotadas.
A solidão é como a cangaia no burro, estamos em pé de guerra,
vejo bem claro há temor no brilho dos teus olhos.
Se queres o que não quero isso é subversão.
Discordar de Deus não é coisa boa ,
perguntamos assim como se fosse para um grande amor.
Porque? Porque? Porque Deus, deu seu filho
como se fosse a coisa mais sem valor.
Para morrer, depois de tê-lo sentado,
do seu lado direito e sem misericórdia o deixou,
a própria sorte para salvação da terra.
Somos oprimidos por uma coisa,
que não pedimos, mas DEUS, nos “DEU”.
Hoje carregamos este imenso pecado.
E sabemos: Incrível grande amor,
que tudo não passou de uma farsa.
É no fim Deus sabias que ele ressuscitaria
Faz parte do jogo, somos escravos da crença.
Tais vendo ó grande amor, como se dominar uma manada !
A vida não tem importância para que é eterno, onisciente ,
onipresente, pelo medo de não aparecer.
(Deveras precisa de um psicólogo, para encarar a criação)
A poesia, continua sem trégua, teus óios ,
que a ói do jeito que quiser, um grande beijo doce amor.
A poesia tem sua responsabilidade, o poeta suas imprudências,
faz parte da natureza ser imprudente.
A manada segue na chuva, enquanto os aviões ficam protegidos
e os pilotos arrotando Coca-Cola.
Sabemos que a estrutura do tempo,
faz com que o poema transcenda o poemador
É uma pena que o papel higiênico não seja vermelho
Amarelo terra ou verde.
- Quando está quase tudo pronto
- alguém bate à porta (toc. toc.)
ou toca a companhia (dlin, dlon) ,
se for moderna tocará “É Pur Luise”
mas se for daquela antigas, que mais parece
com choro de menino, ranheto, (ré, ré, ré, ré, ré, ré).
Antes de escuta o motor do carro partindo
Abra a porta, olhe para o céu e suas estrelas

Como qualquer fera teimosa e todo o seu carinho
Tua força
Tua alegria
Tua vontade
Colocada num único grito
Grite com a maior força , teu maior grito
- antes que o carro esteja fora de alcance
- grite te amo, só de resistência
Quero tudo Deus , inclusive que não só os aviões,
tenha casas para se protegerem da chuva.
Mais acima de tudo, o conforto dos teus braços.
ó grande amor, na confusão da cidade,
os prédios não são perfeitos,
e guardam amores imperfeitos, na cidade bem construída.
Na confusão dos abraços, na pressa do viver...
Egoísta – Digo – Não quero teu adeus.
Como o mar no puxo e no repuxo, um até breve dói muito.
Inda quero mais coisas e muitos beijos,
no cangote suado da morena,
Trago guardado um desejo a sete chaves
Sentir teu cheiro, na primeira brisa da manhã.
A teimosia, e a vida nos seus momentos breves
são como bolas de fogo incandescente.
A teimosia, leva os sete cavaleiros
nos setes cavalos vuadores.
Teimosamente segue sete cavaleiros;
pra sete lugares diferentes
sete caminhos
sete estradas
voltamos sete navegantes
dos sete mares, navegados
sete marinheiros de céu e de mar.
Os olhos, de cima do despenhadeiro, alumia o caminho
O cavaleiro grita firme
– Quem vem lá?
- É o diabo.
- Tão pode vir
Puxa o cravinote e pula de banda
“Bota fogo na panela
Rela Rita,
Rita Rela
Inda tem cão dentro
Inda tem cão
Bota fogo na panela
Rela Rita
Rita rela
Inda tem cão dentro
Inda tem cão.”
É triste vê um boi morrer, a lança pode mais que o peito ,

bate, fere e fura, sem dó range o ferro no osso,
óleo quente jorra das engrenagens.
Escuta-se um mugido, grito profundo como quem já vai s'mbora,
num combate desses adeus, é coisa para quem não tem coragem.
A bala entra, furando a pelo branca, negra, morena,
mostrando a carne branca, vazando o sangue incarnado,
dos combatentes de treta e tutano, Canudos resistiu assim,
homem a homem, que não era Boi, se foi já deixou de ser,
de arrasto carregador de sela.
- E tudo por fé em Deus, dá pra acreditar ó grande amor?
Sabe quantos rostos e mãos tremulas
iam para o exílio, naquele trem?
Quantos, não ficaram dizendo lá vai meu grande amor.
Quantos, iam dizendo deixei meu grande amor.
Quem parte chora, quem fica nem sempre sorrir.
Quem vai nem sempre chora.
O Sol, aumenta o calor de quem está partindo,
zabumba no peito uma coisa – desespero. –
O oceano corre em bicas pelos riachos dos olhos.
Mirar-te fica cada vez mais difícil na medida,
em que o trem se afasta.
Só lembro das brincadeiras, nas tardes do Alecrim.
Quando o sol cansado ia se pondo vinha os Mateus,
os Biritos e Catirina, na roda de dança lê, lê ,
os meninos, as mulheres enfim todos ao redor do Boi Calemba.
Pulando e cantando:
“Qui foi, Qui foi meu Jaraguá
O bixim é bunitim e nós vamos passear.
Joga a sorte joga a sorte Jaraguá.
O bixim é bunitim e nós vamos passear”.
Ali nos arrabaldes, inda deve ter gente contando histórias,
do que aconteceu no 16 RI, (regimento de infantaria)
e 16 RO, (regimento de obus).
Lembrando de quando a bandeia incarnada,
com uma foice de cortar cana e um martelo de sapateiro,
foi pendurada no mastro da prefeitura de Natal.
A batalha foi perdida, no caminho de Caicó.
- Lembrem-se a batalha foi perdida, mas o sonho não!
Os sonhos não se acham em beira de estradas,
os sonhos e os poetas vão pelas estradas,
as estradas e a vida são frutos dos sonhos,
quando a estrada e a vida muda, já é outro sonho.
Os rios mudaram de cor e de curso,
os amores de cara e cabelo,
os olhos não são tão melosos,
as palavras não são tão doces e cheias de afetos.
Os carros mudaram de forma, cor, marca e modelo,
a rua mudou de trajeto, não é mais a mesma rua.
O sonho mudou, já não é mais o mesmo sonho.

Os sonhos mudam, ficam sonhos diferente,
mesmo sendo sonho que foi sonhado,
coisa de sonhador. senão é outro sonho.
O que temos pelo caminho deveras são só lembranças,
pedaços de sonhos das reuniões dos solitários da Cidade alta,
que vagavam pelas madrugadas até a Ribeira, onde encontravam-se
com os boêmios da Quitandinha .
É sonho querer saber?
“Quantas estrelas tem no céu
quantos peixes tem no mar
quantos raios tem o sol?”
Dance, a dança da iluminação, como uma dama da noite
Ê de Caxangá ,Ê de Caxangá , Ê de Caxangá,
os de Caxangá, se meteram nas brenha dos tabuleiros,
enfrentado os Carrapichos perigosos,
na escuridão da gruta incantada,
tudo pelo amor de Catirina,
que me espera na sombra da Mangabeira,
perto da confluência das águas,
onde são amarrados os amantes eternos
e os Cabocos d’água brincam com as Iaras,
mãe das águas de pele morena e passam suas tardes
em grandes conversas com fulozinha,
rindo dos amantes que ficaram na partida do trem
e dos que foram nos trilhos infinitos,
como se fossem para um mirar sem fim.
Onde os amores são separados, como se fossem as águas
da terra, do mar , do ar e debaixo do chão,
não tocamos e não podemos beber,
os amores expulsos do paraíso,
são transeuntes que correm os perigos do trânsito,
nos labirintos das ruas da grande capital.
Coisas assim tão longe pra lá do fim,
dos lugares conhecidos muito longe.
Tão longe que é difícil de imaginar,
“quem imagina cria medo quem tem medo não vai lá.”
- prá essas coisas tem que ser cabra de peia,
o caminho é alumiado com o fogo do pescoço da Mula-sem-cabeça,
lá pelas profundezas das grutas incantada,
silêncio só é quebrado pelo som do chocalho
no pescoço da Mula, tengo-lengo tengo-lengo-tengo,
tralálá, tengo-lengo - tengo-lengo-tralálá.
indo cada vez mais fundo nas grutas incantada,
prá vê se via um navio, do outro lado de lá do mundo,
cortando as ondas do mar.
Sabe quantos sonhos foram sonhados,
pelos solitários da Cidade alta?
Só pelos prazeres de pintarem suas casas amarelo.
(Não era a cor que Deus, queria.)

todos iam nas rodas das ruas da cidade.
Passando com o bloco do frevo- rasgado,
na frente da igreja na ora da missa.
(como diz o padre cada qual com sua oração)
Rodamos por tantas festas
rodamos na vida
rodamos pelo vento
nas rodas das saias das moças
ao redor das fogueiras.
Sob a luz do luar luaceiro roda de lua... Rodas de cirandas,
só dá pra lembrar dos cachos da Pitombeira.
Lá de cima, pra todos os lados infinitos e nada do grande amor,
o Sol ia beber água junto com os pássaros,
que só consegue voar com ele.
E dormir com a lua, quero ver o Boi surgir,
nas rodas de uma Calemba, na dança da ressurreição,
vai cavalo e cavaleiro cortando a Macambira.
Mula, Biritos , Mateus e Catirina,
três caras mascaradas,
três coisas que não se vê
três sorrisos escondidos
Que venha de lá
Lança, lançada e lanceiros
A ponta do aço nos ossos
Sete estocada
Sete cortes
Sete quedas
Sete levantadas.
Do Boi, que nunca foi arrasto nem carregador de sela.
Nem de fazer vergonha pra ela e pra São João.
Neste mar de carro vamos de cavalo Marinho,
enfeitado de chita e fitas coloridas na cabeça,
dançando na frente das casas.
Quem vem de lá de longe ouve-se a pisada do Xote marcado,
é sinal que o nego Shimba, faz a marcação da dança,
coisa assim Xote, marcado dança de cabra danado,
a poeira subindo a sanfona comendo solto,
o tambor parecendo o grande amor, batendo o coração,
é um passo dois passos, tum a morena tá suada.
O nego Shimba, marca a dança, aos Sábados,
nos bailes do Carrasco, ouve-se as pisadas
de marcação e de longe já dá um nó na garganta.
Esse nego é mansinho, mas não foge da raia
com um ou mais de um tanto faz, dança de roda,
de pernas a meia lua, salto mortal bicho ligeiro
de treta e tutano, Shimba, reluz no sol,
de noite é nego que não se vê, mais não esconde e dança,
fazendo rodas nas ruas da capital.
Purai segue os sete cavaleiros

Com sete estrelas nas testas
sete destinos ,
sete pensamentos,
sete caminhos,
sete vontades
sete sonhos incantados,
sete caminho desconhecidos,
do nascer do dia ao romper da aurora
Fora da manada , segue os sete cavalheiros
libertando os territórios onde Deus, não manda mais,
aumentando o número de anjos renegados.
Os sonhos continuam, por te e por nós ó grande amor,
olha o Boi deixa o Boi, berra Boi... grita os de lá
É de Caxangá
É de Caxangá
É de Caxangá, joga a sorte, joga a sorte Jaraguá,
que o boizim é bunitim e nós vamos passear,
lá vem o grande amor, c'a bandeira,
o boi chegou, e vai procurar estrelas
dança, dança minha mula que pra todo mundo vê,
dança, dança minha mula que pra todo mundo vê ,
que o renego dessa mula não pode com nós dois
Na dança da libertação nem boi, nem ninguém sintrega
Quem não é de sela não vai ser de arrasto
Lá vai o boi, dançar noite afora, Mateus, Mula e Biritos e Catarina
roda da lua, luar, luaceiro na noite buscando o dia,
no cantar do galo, o boi vai rompendo à aurora
O grande amor chora, coração despedaçado
o sol lumando o terreiro, nas rodas das saias,
batuca meu coração, a dança do Jaraguá com o boi calemba,
O tum, tum, os compassos de carinho nos seios do meu bem.
Nos compassos da Calemba
(é de caxangá, é de caxangá, é de caxangá)
A dança s'acaba quando a lua vai pra prisão do dia .
A dança dum Boi- calemba é chave de prisão.
A moça linda fica c'a chave do coração
A partida é uma coisa perigosa, é olhar para o infinito
depois das estrelas.
A última das belas conhecida, viu a pancada seca da bala,
dos que tombaram por te e por mim.
– Ó grande amor, mesmo assim não foi dessa vez,
que paramos de perguntar, de forma mais teimosa e profunda:
Quantos sonhos e poemas profanos, foram ditos?
Quantos corações foram destruídos, por viverem um grande amor?
Os sobreviventes das batalhas, anjos e folhas que caíram no verão,
as paixões acumuladas, foram condenadas
porque correram no fino fio da desobediência,
em querer vê o arco-íris, como as mulheres vuadoras,
que tiveram suas asas cortadas, proibidas de saírem do santuário

e voarem para além das muralhas.
É noite na América Latina, vejo temor no brilho dos teus olhos.
Quando o trem do exílio partiu? Viu as marcas dos que voltaram?
Vale sonhar doce amor, essa batalha não tem fim
os pássaros noturnos em voos de migração,
parecem que se dirigem a lua,
os diurnos parecem que vão em direção do sol
os aviões, escondem-se nas nuvens,
o trem vai trilho afora no rastro da coluna prestes,
quem nunca foi de arrasto, nunca vai ser de sela
ou vai ou tora ou se arrebenta,
mas não larga o miolo, da raiz da Manipeba.
Como todos os temores que separa nossos caminhos,
por retas andamos sozinho durante longos anos,
em caminhos paralelos encontramos os espíritos,
que voltam das guerras e os olhos parecendo riachos de salobros.
Fiquei no porto sem ter pra donde navegar,
o navio vai adentro do mar sem fim,
quem fica não sabe se ferra a mula e vai procurar o castelo
incantado no meio do raso da Catarina,
que aparece só um tiquinho
no fim de uma tarde de um dia de Abril.
As flores da noite são altas e tem um brilho prateado,
aponta-se com o dedo aquela ,mais brilhante,
onde se apruma os olhos do grande amor.
É dia e as coisas que mais quero e que sempre nego,
moedas do reino do sol, pegarei os segredos sussurrados,
nos caminhos de Barra de Maranguape,
os descrentes andam por uma estrada sem fim,
quem duvida marca o passo ou pega um carro,
e deixa a manada na poeira.
Saber desobedecer é ter a paciência,
de observar o que aconteceu nestes dois mil anos.
Só o tempo, fará com que o cangaceiro vingador,
dos beijos perdidos, pelos bares e madrugadas
afora se curve encima de uma boa cama,
onde todo guerreiro descansa sem dizer amém.
Entendeu grande amor, porque há temor no brilho dos teus olhos?
Por medo de uma coisa que não se pode ver,
vale sonhar com o acocho dos teus braços,
o cheiro do perfume das flores de Açucena no teu suor
faz supor que: o que existe entre a terra e a estrela,
mais distante é a Galáxia bebedora de luz,
fazendo com que tu estrela morena, coisa Agrestina
a pareça assim de forma refletida multiplicada,
pela luz que volta da Galáxia, criando falsas estrelas,
mas, o olhar matreiro do astrônomo, sabe o que é o fogo fátuo.
E vê a estrela na escuridão do céu profundo.
O amor é coisa assim invisível, só prus animais de faro acurado.

- Por isso digo -

Te perdoou Deus, por me teres amado assim.

O santo engano nosso de cada dia, é trazer uma marca no peito

E ter de saber que em teu nome destruíram

tudo que o povo de Montezuma, construiu,

e mesmo assim corremos perigo e contamos histórias,

para os meninos e meninas.

Em todo fim de tarde sentimos o vento manso, de abril

e sabemos o quanto é difícil olhar pro mar e não vê navios.

Tomando café de Mangirioba, é abril, balance a rede grande amor

Olhe curva do mar com seu olhar mais profundo,

quando quase já faz escuro no horizonte.

Acendemos a luz da vela de cera de Carnaúba

e digo não temas doce amor, mesmo estando neste ponto,

da América Latina, debaixo da sombra dum Juazeiro.

Os amores, as coisas e a vida, são novos,

de fibras inteiriças de carne dos corações,

que não se desenrolam com facilidade.

O destino corre como um bicho solto

desses que não se coloca cabresto.

As cores que são sete, cada uma misturada sete vezes

de sete forma diferentes, em todas as sete tentativas

ficava cada vez mais indefinido as cores dos teus olhos

difícil como um lilás - furta - cor,

as lembranças são tecidos finos,

assim como lençóis de Cambraia.

Nas sete noites, passaram sete luas,

flutuando acima do tabuleiro,

a última visão da noite, perto da gruta incantada.

Onde a besta-fera vive com mil e seiscentos Diabos.

Sagitário, guarda a entrada com sete setas,

perto das sete fogueiras, onde são feitas as sete danças,

para desvendar os sete segredos.

O Europeu, não entende o significado e teoriza tentando

decifrar nossos signos.

E, na confusão das cores do nosso Boi- de- reisado,

fica abilolado olhando as estrelas

Pensando que o céu é chapéu de cangaceiro.

Acaba não entendendo que o tempo e o destino

são traçados com sete barros, pra fazer sete moradas.

Os símbolos e seus significados, são decifrados

debaixo do pé de cajueiro, de sete copas,

onde as renderias tecem o tempo

das sete órbitas, dos sete planetas .

As Ubalhas são azedas, o desejo e o prazer, são cegamente doces

e mesmo assim não mata a vontade,

de beber da água das sete cacimbas, misteriosas.

Entendeu, grande amor porque há temor

no brilho dos teus olhos!!!

Enquanto os anjos tombam como folhas,
depois de cada beijo desferido, no verão.
É inverno e os pássaros batem as asas,
a procura do calor do Sol.
No rumo sul, vai teu olhar migrante temeroso.
Deveras os covardes não são assim;
Não sabem o que é o rumo sul
Anjos caídos depois de cada beijo
Um grande amor e seus pecados
Olhar para o mar e não vê navio ou sequer sentiram
no rosto a brisa das batalhas, nas tardes de abril.
Chico Canindé 10.06.02